

LETRAMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO:
PRODUÇÃO DE RESENHA CRÍTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

Claudia Aline Rizzi

Gabriely Serafim

Sabrina Nardi Marafon

RESUMO

Esta atividade de produção e socialização de resenha crítica - efetuada por acadêmicas de Pedagogia da Unoesc Xanxerê - objetiva dar visibilidade ao conhecimento construído a partir da esfera da sala de aula, transpondo as paredes da Universidade, para o alcance da comunidade acadêmico-científica. No componente curricular Literatura Infantil solicitou-se a leitura de livros e artigos científicos da área, buscando ampliar o repertório de leitura e estabelecer diálogo intra e intertextual com a ementa proposta. Esta publicação contribui para disseminar o conhecimento produzido na Unoesc, qualifica tanto o curso de Pedagogia quanto as discentes, que foram desafiadas à escrita científica e ao letramento literário.

Resenha crítica de “Teorias sobre o mundo do maravilhoso”, da autora Nelly Novaes Coelho (2012).

Autoras da resenha crítica: Claudia Aline Rizzi

Gabriely Serafim

Sabrina Nardi Marafon

Resenha-se aqui o capítulo “Teorias sobre o mundo do maravilhoso”, da autora Nelly Novaes Coelho. Compreendido entre as páginas 104 a 124, publicado no livro “O conto de fadas : símbolos mitos arquétipos”, obra com 160 páginas, no ano de 2012, pela Editora Paulinas, em São Paulo, estado de São Paulo.

Na busca de informações sobre a autora, consultou-se a Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. A autora Nelly Novaes Coelho teve experiência em ensino e pesquisa na área de Letras, com ênfase em outras literaturas vernáculas. Concluiu o doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1967), possui graduação em Letras Neolatina pela mesma instituição (1959) e realizou pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (1971). Na docência, atuou como professora titular na Universidade de São Paulo, contribuindo significativamente para o estudo de literaturas vernáculas. Faleceu em 2017.

Contextualizando o texto e a autora, apresenta-se o resumo do texto aqui resenhado. Coelho, no capítulo “Teorias sobre o mundo do maravilhoso”, propõe uma análise do percurso histórico e teórico acerca das chamadas narrativas maravilhosas, demonstrando como elas ultrapassam o entretenimento infantil e se consolidam como fontes de valores culturais. A autora evidencia a importância dessas narrativas desde o século XVIII,

quando começaram a ser objeto de estudo de diversas áreas, como a filologia, a antropologia e a filosofia. Esses estudos demonstraram que os contos de fadas, mitos e lendas carregam significados profundos, relacionados à formação cultural e ao imaginário coletivo.

Coelho, ainda, destaca a contribuição dos irmãos Grimm, que recolheram os contos germânicos e revelaram uma criação rica em imagens simbólicas e valores ancestrais. Os Grimm identificaram nessas narrativas vestígios das antigas mitologias e dos sistemas religiosos, anteriormente silenciados pela cultura dominante. Essa descoberta abriu espaço para que estudiosos de diferentes países investigassem as origens e os significados desses contos, buscando compreender os padrões comuns entre narrativas das diferentes culturas.

Nesse contexto, surgem diversas teorias que tentam explicar as recorrências, tanto temáticas quanto simbólicas, encontradas nas histórias maravilhosas. Algumas linhas de pesquisa, como as das escolas naturalistas védicas, interpretam essas narrativas como metáforas das forças da natureza, em que elementos como tempestades, o nascer do sol e a noite são representados por figuras mitológicas e mágicas. Autores como Kuhn e Max Muller são citados por Coelho como figuras dessa corrente, que vê nos contos um reflexo das reações humanas primitivas aos fenômenos naturais.

Outras interpretações, como a de Adolf Bastian, apresentam que os contos maravilhosos nascem de "pensamentos elementares" comuns a toda a humanidade, o que explicaria a presença de temas semelhantes em culturas geograficamente distantes. A autora também apresenta a leitura animista proposta por Edward Tylor, que enxerga os contos como remanescentes de ritos antigos e crenças populares já desaparecidas. Para Tylor, muitos símbolos e personagens dos contos seriam formas de antigos

significados religiosos, como, por exemplo, a interpretação de “Chapeuzinho Vermelho” na representação do ciclo solar ou de “Cinderela” como metáfora da aurora.

A análise do pensamento fetichista interpreta os contos maravilhosos como manifestações decadentes de antigos mitos fetichistas, assimilados pela imaginação popular. Gaston Paris, citado por Coelho, fixa tipos novelescos relacionados a mitos geradores, como o Sol, representado pelo príncipe encantado que mata o dragão, ou a Aurora, personificada pela donzela perseguida. Essas representações se mantêm vivas em rituais e cerimônias populares da Europa, como os que marcam a transição entre as estações, além de festas religiosas que simbolizam o nascimento do fogo ou de uma figura salvadora. A teoria solar também é utilizada para interpretar personagens dos contos de Perrault, como *Chapeuzinho Vermelho* e *A Pele de Asno*, vinculando-as a fenômenos naturais. A partir do século XX, entretanto, as interpretações de natureza mítico-simbólica, como a identificação de personagens com fenômenos naturais, foram gradualmente sendo substituídas por análises de caráter psicanalítico, que passam a compreender os contos como expressões de conflitos como o mito edipiano e o da criação.

Entre essas abordagens, surge a interpretação do folclorista francês P. Saintyves sobre os contos populares maravilhosos, relacionando-os a fenômenos naturais e rituais primitivos. Em sua obra de 1923, o autor analisa os contos de Perrault à luz de antigas liturgias populares, dividindo-os em dois grupos principais. O primeiro compreende “Contos e os esquecidos rituais das estações”, associados a rituais ligados às estações do ano, como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*, cujas personagens femininas seriam sobreviventes de antigas figuras sagradas, como rainhas ou

sacerdotisas, presentes em celebrações tradicionais como as do Ano-Novo, da Epifania ou do Primeiro de Maio. O segundo grupo, “Contos de origem iniciática”, reúne contos de caráter iniciático, como *O Pequeno Polegar* e *Barba Azul*, que estariam ligados a antigos processos de formação simbólica do indivíduo dentro do grupo social, por meio de ritos de passagem que envolviam provas, simbolismos de morte e transformação. Para Saintyves, elementos como ogros, metamorfoses e objetos mágicos são vestígios desses antigos rituais. Além disso, o autor propõe que os contos e as fábulas não derivam de fontes orientais, como o *Pantschatantra*, mas de práticas litúrgicas ocidentais, considerando-os herdeiros de antigas cerimônias religiosas e morais.

No início do século XX, pesquisadores da Escola Finlandesa de Estudos Folclóricos, como Kaarle Krohn e Antti Aarne, criaram a metodologia histórico-geográfica para estudar contos populares. Eles identificaram elementos comuns (invariantes) e mapearam variações conforme sua difusão. Aarne classificou os contos europeus em três grupos principais, maravilhosos, da vida cotidiana e de animais, com base nos motivos narrativos, como adversários ou seres sobrenaturais. Stith Thompson ampliou essa classificação criando um índice internacional. No Brasil, Câmara Cascudo adaptou esse modelo, incluindo categorias como contos de encantamento, de exemplo, de animais e religiosos.

Sobre a morfologia de Propp, Coelho apresenta um avanço significativo. Vladimir Propp, se destaca ao propor uma abordagem baseada nas ações das personagens, e não em seus papéis ou temas. Analisando 449 contos maravilhosos previamente classificados por Aarne, Propp identifica 31 funções narrativas fixas, chamadas de invariantes, que estruturam essas histórias, como a partida, o enfrentamento e o retorno. Sua

contribuição foi decisiva para os estudos narrativos ao revelar a lógica interna dos contos populares.

O capítulo ganha novo fôlego com a introdução da análise psicanalítica. Coelho explora a contribuição de Sigmund Freud, que vê nos contos de fadas, assim como nos sonhos, a expressão de desejos inconscientes reprimidos. Embora Freud valorize os símbolos presentes nessas narrativas, seu foco permanece limitado ao inconsciente individual, o que restringe o alcance interpretativo das histórias maravilhosas.

Com Carl Gustav Jung é que a leitura dos contos de fadas se expande, ao introduzir o conceito de inconsciente coletivo e arquétipos universais. Para Jung, os contos refletem dramas psíquicos universais, comuns à experiência humana em qualquer tempo ou cultura. Os personagens (reis, fadas, bruxas, heróis) simbolizam imagens internas profundas que orientam o indivíduo em sua jornada rumo à realização do *self*. Tal abordagem amplia o campo de estudo dos contos de fadas, relacionando-os à busca de unidade interior e ao desenvolvimento da consciência.

A autora também apresenta a importante colaboração de Marie-Louise von Franz, discípula de Jung, que reforça o caráter simbólico dos contos como expressão de conflitos e vivências humanas, medos, perdas, superações, que se repetem ao longo das gerações. Von Franz reconhece os contos como estruturas que canalizam a energia dos arquétipos e auxiliam no processo de autoconhecimento e autotransformação do sujeito.

A conclusão do capítulo articula as reflexões anteriores com uma visão integradora. Coelho enfatiza que os contos de fadas não pertencem apenas à infância, mas dialogam com as questões mais profundas da vida humana. Reafirma-se seu valor pedagógico, especialmente no contexto da

formação de crianças e jovens, ao oferecer um meio simbólico de enfrentar conflitos, despertar a imaginação e fortalecer a identidade.

A autora sugere que a redescoberta dessas narrativas pode ser um caminho para repensar a literatura como experiência existencial, conforme também afirma Lotman, ao destacar que a literatura ajuda o homem a resolver questões psicológicas fundamentais, como a determinação do próprio ser.

Apresenta-se aqui a crítica das resenhistas, que concordam com os argumentos da autora. Julga-se que, embora o texto aborde uma variedade de teorias e interpretações sobre os contos de fadas, não é necessário que o leitor possua conhecimentos prévios para compreendê-lo. A autora apresenta os conceitos com clareza e os contextualiza de forma acessível, permitindo que o leitor acompanhe o raciocínio e compreenda a relevância simbólica e cultural dessas narrativas. Considera-se, portanto, uma leitura indispensável, principalmente aos estudantes de Pedagogia e áreas voltadas à educação, mas também de grande valia para o público em geral. É fundamental reconhecer o valor dos contos de fadas como expressões do imaginário coletivo, ferramentas de autoconhecimento e recursos pedagógicos potentes. Assim sendo, é ensejado que essas narrativas sejam valorizadas não apenas como entretenimento infantil, mas como patrimônio cultural que merece espaço na formação humana e educacional.

REFERÊNCIAS

COELHO, N. N. Teorias sobre o mundo do maravilhoso. In: COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 104-124.

Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 02 de mai. 2025.